

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

CRISTIANE FRANCISQUINI MENDES LOURES

África o espelho de sua Identidade

Juiz de Fora
2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

LOURES, Cristiane Francisquini Mendes.

África o espelho de sua Identidade / Cristiane Francisquini Mendes LOURES. – 2017.

59 p.

Orientador: Julvan Moreira de OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. Identidade. 2. Cultura. 3. Influência. I. OLIVEIRA, Julvan Moreira de , orient. II. Título.

CRISTIANE FRANCISQUNI MENDES LOURES

África o espelho de sua identidade

Trabalho de conclusão de curso de Pós-Graduação em História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora, elaborado e submetido ao programa de pós-graduação como requisito necessário para certificação da Especialização em História da África.

Orientador: Prof. Dr. Julvan Moreira de Oliveira

Juiz de Fora
2017

DEDICATÓRIA

A Deus, por me conceder a vida e permitir tantas alegrias, à minha família, em especial minha filha, esposo e minha mãe e irmão, que me compreenderam e supriram a minha vida me dando motivos para pensar além.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me concedeu a possibilidade de realizar esta especialização, conduzido meus sonhos e perseverança para que pudesse vivenciar este momento.

A minha família fonte todas as alegrias, em especial minha mãe e meu marido que me ajudaram, me motivaram e supriram a minha ausência junto a minha filha Maria Isabela, minha pequena que pacientemente me sempre me aguarda, meu grande motivo para viver, a meu irmão pelo incentivo e a boa vontade. Amo vocês!

Aos meus alunos que amo, minha busca é para ser melhor a cada dia dentro da profissão que assumo com amor.

A Universidade Federal de Juiz de Fora, por possibilitar a realização desta especialização, seu corpo docente, administrativo e tutores.

Enfim a todos que me ajudaram direta ou indiretamente, a realização e conclusão desta importante etapa.

Muito obrigada!

Encontrei minhas origens
Encontrei minhas origens
Em velhos arquivos
Livros
Encontrei
Em malditos objetos
Troncos e grilhetas
Encontrei minhas origens
No leste
No mar em imundos tumbeiros
Encontrei
Em doces palavras
Cantos
Em furiosos tambores
Ritos
Encontrei minhas origens
Na cor de minha pele
Nos lanhos de minha alma
Em mim
Em minha gente escura
Em meus heróis altivos
Encontrei
Encontrei-as enfim
Me encontrei
(Oliveira Silveira)

RESUMO

A importância de estudar a África está cada dia mais em evidência, uma vez que ao falar de África estamos falando de nós, nosso país e cultura.

Demonstrar com grandeza novos conhecimentos, histórias e pontos de vista é possibilitar ao outro uma liberdade de pensamento, e permitir que conheça com clareza a identidade que assume.

Sendo assim, os materiais didáticos elaborados objetivam trabalhar conhecimentos gerais sobre a África, assim como possibilitar o aluno a construir e reconstruir a visão e conhecimento que tem sobre este continente, seu povo e sua história.

Palavras chave: Identidade. Cultura. Influência.

ABSTRACT

The importance of studying Africa is increasingly evident, as we are talking about Africa, our country and our culture.

To demonstrate with greatness new knowledge, stories and points of view is to enable the other a freedom of thought, and to allow him to know clearly the identity that he assumes.

Thus, the elaborate didactic materials aim to work on general knowledge about Africa, as well as to enable the student to construct and reconstruct the vision and knowledge he has about this continent, its people and its history.

Keywords: Identity. Culture. Influence.

SUMÁRIO

1 – ÁFRICA: O ESPELHO DE NOSSA IDENTIDADE	9
2 – MATERIAL DIDÁTICO	20
2.1 - Caixa de palavras	20
2.2 – Jogo: Passa ou Repassa	29
3 – PORTIFÓLIO	44
3.1 – História de vida e memória	44
3.2 – Repensando na Aprendizagem	46
3.3 – Intervenção pedagógica	50
3.4 – Considerações Finais	53
3.5 – Fotos de memórias feitos por alunos do 5º ano	54
4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	55
5- ANEXOS	56

1 - ÁFRICA: O ESPELHO DE NOSSA IDENTIDADE

As culturas africanas contribuíram significadamente, na construção das culturas de muitos povos, entre eles a brasileira. Brasil.

As trocas culturais existentes durante longos séculos enriqueceu a cultura brasileira, onde é evidente a contribuição africana, na culinária, dança, religião, música e língua, visto que o continente africano é um continente plural que apresenta uma grande diversidade étnica e cultural.

O contato com as culturas africanas se deu decorrente principalmente devido o contato com os africanos escravizados, os quais possuíam uma rica e diversificada variedade cultural, uma vez que, tinham origem diferenciada, diferentes tradições e diferentes línguas.

Dois povos africanos que vieram de forma mais intensa para as terras brasileiras foram os Bantos e os Sudaneses, os quais apresentavam diferenças culturais notórias, mas tiveram necessidade não de matar sua cultura, mas sim de reelabora-lás. E ao decorrer de um período colonial, estes povos separados em seu continente até mesmo pela distancia geográfica, se encontraram e misturaram suas vivências culturais.

De acordo com Paiva (2001, p.27) pode-se caracterizar este cruzamento cultural como resultante de uma aproximação entre universos geograficamente afastados, em hibridismos e em impermeabilidades, em (re)apropriações, em adaptações e em sobreposição de representações e de práticas culturais.

A mistura e as adaptações que os africanos presentes no Brasil tiveram que fazer com suas culturas, enriqueceu a identidade cultural brasileira, o que é algo evidente mesmo que muito por tempo tenham o sentimento e vontade de negar a África que existe não só em uma cultura, mas sim em um povo, uma vez que somos nós os elementos importantes e cruciais para a existência da cultura.

De acordo com Paiva (2001, p.36):

Misturavam-se informações, assim como etnias, tradições e práticas culturais. Novas cores eram forjadas pela sociedade colonial e por ela apropriadas para designar grupos diferentes de pessoas, para indicar hierarquização das relações sociais, para impor a diferença dentro de um mundo cada vez mais mestiço. Da cor da pele à dos panos que a escondia ou a valorizava até a pluralidade multicolor das ruas coloniais, reflexo de conhecimentos migrantes, aplicados à matéria vegetal, mineral, animal e cultura.

Sabe-se que a primeira relação entre Brasil e África, foi devido ao tráfico de africanos escravizados, onde os mesmos eram obrigados a deixar seu continente, sua família, sua pertença e devido uma vontade econômica se tornar mão de obra. Segundo Antonil (1982, p.89) "as mãos e os pés dos senhores de engenho porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar fazenda, nem ter engenho corrente".

O Brasil é o maior país "beneficiado" pelo tráfico negreiro, e assim o maior país beneficiado com as diversas realidades e experiências africanas.

A contribuição foi muito além de econômica, contribuíram e auxiliaram na formação cultural peculiar do Brasil.

Os africanos trouxeram contribuições e mudanças para o Brasil, "nos transformando na maior população afrodescendente concentrada fora do continente africano".

O continente africano está mais próximo de nós do que podemos imaginar, não podemos conhecer o Brasil e a identidade que assumimos sem ao menos buscar conhecer o continente africano. A realidade social e econômica, que faz parte de nossa individualidade, esta envolvida com a identidade racial que assumimos como povo.

Segundo Oliveira (2006, p.18):

Seria um engano conhecer o Brasil sem conhecer a história dos afrodescendentes.. Seria uma lástima procurar entender a realidade social brasileira sem compreender a realidade racial do país. Combater a discriminação racial não é tarefa exclusiva do poder judiciário. É preciso repensar a história brasileira a partir do legado africano. Sem isso, perderíamos em profundidade e qualidade o conhecimento sobre nós mesmos. A brasilidade, em muito é tributária da africanidade. As africanidades redesenham e redefinem a identidade nacional e, com isso, o projeto político, econômico e social brasileiro. Ainda que o

discurso político e acadêmico tenham excluído, durante séculos, a experiência africana no Brasil, sua influência não deixou de exercer papel fundamental na construção do país. Chegou o tempo de ouvir quem foi calado.

Em diversos momentos a diversidade e a riqueza trazida pelos africanos foi contatada e trabalhada apenas por um viés eurocêntrico tratando esses povos apenas como um produto e desvalorizando sua capacidade de se refazer , de pensar , de aprender , de se reconstruir diante de um país e de tantas culturas que não lhe pertenciam. Há muitos de nós foi contada, uma história de um povo inferior, maltratado, que como residência fugia para quilombos para ali ter um pouco do que pode se chamar de paz.

Mas, esses povos trouxeram mudanças e lutas que pouco somos convidados a refletir, na necessidade de readaptar e tentar vivenciar aquilo que lhe pertence, influenciando assim seu entorno, não apenas com traços e elementos culturais, mas se enraizando e se tornando o povo que chamamos de brasileiros, estando hoje presente em nossas casas, nossas famílias, nosso convívio, em nós.

A partir do momento que os africanos chegaram aqui, se desenha uma nova cultura, um novo corpo, um novo cabelo, uma nova forma de andar, novas músicas e religiões, um novo modo, um novo ser, dando origem a identidade afro-brasileira.

De acordo com Freyre (2001, p. 348), as culturas africanas está presente em nossa língua, no nosso andar:

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou ama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolegando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho- de- pé de uma coceira tão boa. De que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama- de- vento, a primeira sensação completa de homem. Do muleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo.

Por diversas vezes vemos um discurso individualizado e eurocêntrico da sociedade que pertencemos, mas é necessário ir além e conhecer nossa verdadeira origem, nos reconhecer como estas mãos e pés dos senhores de engenho.

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2011, p.51).

Atualmente estudos acadêmicos trabalham a necessidade de reafirmar a identidade negra, na busca de sua grandeza e valorização, levando em consideração os diversos desafios, enfrentados na visão política, econômica e social, não reduzindo tais questões a cor da pele.

Oliveira (op. cit., p.136) diz:

A identidade negra foi (...) colorida e repintada nas cores da tradição afro-brasileira. Identidade que se afirma como projeto político e como construção cultural. Identidade que é ao mesmo tempo resgate e criação. Ipseidade e alteridade. A contínua construção da identidade afrodescendente é uma necessidade da experiência da forma cultural afro-brasileira.

Abordar a identidade brasileira e sua complexidade traz a necessidade de voltar as nossas origens, há um passado que em muitos momentos se torna esquecido e negado, que a cada dia mais demonstra a necessidade de ser compreendido, para que assim possamos refletir sobre a nossa diversidade étnico-racial, o respeito e o valor necessário as diferenças.

A mistura de diversas culturas deu originalidade à cultura brasileira e de seu povo, a inferioridade que era imposta aos africanos a partir da negação de sua humanidade, hoje deve ser refletida e desconstruída estimulando comportamentos de valores e respeito ao outro, ao mesmo tempo em que levanta também uma bandeira contra o racismo e contra as discriminações que atingem, especialmente, a população negra afrodescendente.

É impossível conhecer e entender nossa realidade sem conhecer a história da África. Somos diretamente formados por aqueles que forçadamente foram trazidos pelos navios negreiros que com sua luta e capacidade de resignificação transformaram a realidade a que foram submetidos deixando muito do seu legado que nos faz ser quem somos.

A identidade de um povo e sua cultura só serão valorizados, a partir do momento que for apresentada na riqueza de sua diversidade, sem a prepotência de hierarquia e sem deixar que as diferenças sejam instrumentos de opressão.

Segundo Moore (2007, p.106) afirma que, a história da humanidade permanecerá na escuridão até que seja vislumbrada a existência de dois grandes berços – o meridional, que inclui toda a África, e o setentrional, que corresponde ao espaço euroasiático – onde o clima forjou atitudes e mentalidades específicas.

A escola tem que dar voz a seus alunos, permitindo que os mesmos participem de seu processo de aprendizagem tendo clareza e opiniões sobre o conteúdo que esta lhe sendo transmitido. Ao falar de identidade, trabalhamos a individualidade de cada um, o que nos dá a responsabilidade de reconstruir pensamentos e transformar histórias.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnicas Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004) auxiliam ações específicas para se afirmar a identidade.

Trabalhar a identidade em especial africana, não é buscar vitimizar o negro e sim lhe colocar em seu real papel na construção da história e cultura brasileira, papel este que por muito tempo lhe foi negado é permitir, uma retomada de vozes que ficaram silenciadas por opressões históricas é fundamental e necessária para uma compreensão democrática de educação.

Na elaboração do material didático, busco trabalhar com elementos importantes no continente africano e importantes para despertar o interesse dos alunos, o material será destinado para quarto ano.

Inicialmente busco trabalhar com a oralidade, a qual tem um valor expressivo para os africanos, onde a tradição oral é uma forma de regramento, organização, conhecimento da sociedade que pertence.

Para muitos povos africanos é na oralidade que os saberes e poderes são compartilhados, a palavra tem seu poder é sagrada assim como sua escuta. A tradição oral é preservada e passada pelos ancestrais e seus princípios e valores continuam sustentando e preservando as identidades da comunidade. Oliveira (2007, p.237) afirma que:

A maioria das culturas africanas encerra sua sabedoria na forma narrativa dos mitos. Talvez porque os mitos não segreguem as esferas do viver. Não separa religião de política, ética de trabalho, conhecimento de ação. Talvez, também, porque o mito mantenha seu poder de segredo e encantamento, pois ao mesmo tempo em que revela, esconde e, ao mesmo tempo em que oculta, manifesta. E num caso ou no outro ele encanta, seja pela beleza explícita seja pela beleza encoberta. Em todo o caso a ética vem travestida de estética, seja na palavra, no vestuário, na música, na dança ou na arte. A vida é uma obra de arte e seus segredos são transmitidos através dos mitos que tem a função pedagógica da transmissão do conhecimento ao mesmo tempo em que sua forma de narrativa acaba por criar a própria realidade que se quer conhecer.

Demonstrar a importância da oralidade é deixar a criança escutar e exercer o poder de suas palavras. Com isso pretendo oferecer ao aluno um pouco da história dos africanos e como se deu o encontro de cultura com a cultura de nosso país, brevemente lhe contarei uma breve história, possibilitando que mentalmente crie em seu imaginário a capacidade de inventar, se criar e sentir emoções a partir da narrativa.

A história tem um papel significativo na contribuição com a tolerância e o senso de justiça social, podendo criar novos rumos à imaginação.

“Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz e conta” (ABRAMOVICH, 1997, p. 37).

A narrativa (Anexo I) que será contada a estes alunos será apenas objetivando a imaginação e talvez a desconstrução de alguns pensamentos já pré-existentes. “Isso

levou a pensar que essa narrativa da moralizante nasceu da necessidade crítica do homem, contida pelo poder da força e das circunstâncias” (GÓES, 1991, p. 144).

Ao imaginar a narrativa e uma caixa de palavras contendo palavras que trazem as culturas africanas presente na nossa cultura como material didático, busco engrandecer mesmo de forma indireta, a importância da oralidade para o povo africano.

Esta atividade será desenvolvida na medida em que nossos alunos possam se fazer ouvidos e ter um material didático que possa aguçar sua real voz, sem respostas prontas, sem montagem de figuras, mas a partir de sua memória, permitir que o aluno se expresse e tenha a possibilidade de demonstrar aos colegas sua visão do que esta sendo lhe proposto.

Segundo Abramovich (2003, p.):

O significado de escutar histórias é muito amplo, é uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, das dificuldades, dos impasses, das soluções, que todos atravessamos e vivemos de um jeito ou de outro, através das vivências dos personagens. É ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes com o significado e verdade que estas fazem brotar. Ouvir histórias é também desenvolver todo o potencial crítico da criança, é poder pensar, duvidar, perguntar e questionar. É sentir-se inquieto, querendo saber mais e melhor sobre o que está sendo narrado.

No primeiro momento os alunos serão convidados e estimulados a ouvir um pouco da história do povo africano, objetivando trabalhar principalmente elementos e fatos que demonstre a presença deste povo em seu povo, em seu país. Permitindo que este aluno se reconheça como parte deste processo.

De acordo com Gomes (2000), a função do professor é ser o facilitador, buscando a compreensão comum no processo de construção do conhecimento compartilhado, que se dá somente pela interação. A aula deve se transformar e provocar a reflexão sobre as próprias ações, suas consequências para o conhecimento e para a ação educativa.

Após a escuta estes alunos poderão ser divididos em grupos, onde cada grupo elaborará sua narrativa, mas terão que utilizar como recurso a “caixa de palavras”, onde sua história será contada a partir das palavras que o grupo for retirando da caixa.

Para a elaboração da caixa, o professor pode utilizar diversos materiais, assim como reaproveitar materiais e caixas já confeccionadas e apenas personaliza-la.

As palavras contidas na caixa deverão ter referência com a temática que foi trabalhada com o aluno.

Qualquer temática em sala de aula deve ser transmitida de forma dinâmica e prazerosa, para isso o educador deve sempre sair de seu espaço de conforto e buscar formas lúdicas, que interessam o aluno a aprender e se interessar pela continuidade desta aprendizagem.

Rizzo (2001, p.40) diz o que, “(...) a atividade lúdica pode ser, portanto, um eficiente recurso aliado do educador, interessado no desenvolvimento da inteligência de seus alunos, quando mobiliza sua ação intelectual”.

A escola hoje para trabalhar o lúdico dentro do ensino fundamental, busca muito o jogo, no sentido de brincadeira, pois é um recurso que permite que o indivíduo não só aprenda como também se divirta.

Pensando no aprender com o divertir, e permitir que este aprendizado se dê de forma prazerosa, um material didático aceito com facilidade pelos alunos é o jogo, que em alguns dicionários da Língua Portuguesa aparece com a definição de “passatempo, atividade mental determinada por regras que definem ganhadores e perdedores”.

O educador que objetiva exercer com qualidade seu trabalho e busca um resultado favorável ao processo de aprendizagem que esta auxiliando a ser construído, deve buscar sempre a criatividade para desenvolver materiais didáticos interessantes, neste caso específico o jogo.

Segundo Antunes (2001, p. 55):

Um professor que adora o que faz que se empolga com o que ensina que se mostra sedutor em relação aos saberes de sua disciplina, que apresenta seu tema sempre em situações de desafios, estimulantes, intrigantes, sempre possui chances maiores de obter reciprocidade do que quem a desenvolve com inevitável tédio da vida, da profissão, das relações humanas, da turma [...].

De acordo com a Associação Brasileira de Brinquedoteca, trabalhar com os jogos na sala de aula possibilita diversos objetivos, dentre eles:

- Desenvolver a criatividade, a sociabilidade e as inteligências múltiplas;
- Dar oportunidade para que aprenda a jogar e a participar ativamente;
- Enriquecer o relacionamento entre os alunos;
- Reforçar os conteúdos já aprendidos;
- Adquirir novas habilidades;
- Aprender a lidar com os resultados independentemente do resultado;
- Aceitar regras;
- Respeitar essas regras;
- Fazer suas próprias descobertas por meio do brincar;
- Desenvolver e enriquecer sua personalidade tornando-o mais participativo e espontâneo perante os colegas de classe;
- Aumentar a interação e integração entre os participantes;
- Lidar com frustrações se portando de forma sensata
- Proporcionar a autoconfiança e a concentração.

Levando em consideração a temática que acredito ser importante trabalhar com os alunos, assim como a importância e o interesse que os alunos têm por jogos, o outro material didático que proponho é um jogo de passa ou repassa, onde os mesmos para realizar deve ter um prévio conhecimento sobre o assunto, assim como seguir suas regras.

De acordo com Freire (1989):

Não basta aplicar jogos sem nenhum sentido, é necessário que o professor saiba usá-los, tenha um objetivo a ser alcançado, que utiliza

dos jogos como direcionadores nas aprendizagens. O que importa para um professor é saber usar devidamente esse extraordinário recurso pedagógico que é o jogo ou o brinquedo. Para isso ele necessita de um projeto, de um objetivo, saber o que deve fazer e por quê.

A escolha em elaborar um jogo de passa ou repassa, objetiva abordar uma temática que deve ser valorizada e trabalhada durante o ano letivo. Sendo assim o jogo elaborado contém regras, valoriza o conhecimento individual e o trabalho em equipe.

O professor para trabalhar qualquer material didático, em especial o jogo deve ter um conhecimento básico do jogo que vai aplicar suas regras e organização, assim como a temática que o jogo é direcionado.

Freire (op. cit., p. 51), coloca que:

A escolha de um jogo devem-se considerar dois aspectos: o motivacional ligado ao interesse do aluno pela atividade; e o de coerência. O aspecto de coerência pode ser verificado por meio da testagem prévia do jogo. O professor deve experimentar os jogos antes de levá-lo à sala de aula, ou seja, que ele vivencie a atividade de jogar. O professor deve desenvolver a atividade como se fosse o estudante, pois somente assim será possível perceber os aspectos de: coerência das regras, nível de dificuldade, conceitos que podem ser explorados durante e após o seu desenvolvimento, bem como o tempo e o material necessário para sua realização.

O jogo contribui significadamente para aprendizagem do aluno, uma vez que consegue unir aspectos, como a criatividade, o interesse, a atenção que são fundamentais no processo de aprendizagem.

A contribuição do jogo no desenvolvimento integral indica que ele contribui poderosamente no desenvolvimento global das crianças e que todas as dimensões do jogo estão intrinsecamente vinculadas; a inteligência, a afetividade, a motricidade e a sociabilidade são inseparáveis, sendo que a afetividade constitui a energia necessária para o progresso psíquica, moral, intelectual e motriz da criança (NEGRINI, 1994, p19).

Acredita-se que trabalhar sobre África, e a presença deste continente em nossa cultura, em nosso país de forma a estar presente e viva em nossa individualidade deve se dar de forma contínua e real, não devemos lidar com este assunto, apenas com temas já

trabalhados e conhecidos como escravidão e abolicionismo, mas abordar a riqueza do continente africano, a riqueza cultural, étnica, linguística, artística, intelectual de seu povo.

Permitir que o aluno perceba a complexidade deste continente, e desfazer a noção primária, que neste continente só existe fome, miséria, dor e doenças.

Deixar o aluno criar e desenvolver um posicionamento crítico e real, mostrando uma história diferente da imposta sobre muitos de nós devido à educação eurocêntrica que nos é oferecida, a qual aumenta a ignorância intelectual e ostenta preconceitos.

Ao estudar diante de uma vertente sem interesses, que demonstra e oferece o aluno uma nova visão, a sociedade recebe reflexões e atitudes positivas, principalmente referente à diversidade étnico-racial, que esta presente nos diferentes segmentos da população.

Gomes (2008, p. 72) sugere que, “poderão contribuir também na superação de preconceitos arraigados em nosso imaginário social e que tendem a tratar a cultura negra e africana como exóticas e/ou fadadas ao sofrimento e à miséria”.

A aplicação da Lei 10.639/2003, esta em nossas mãos como educadores, não apenas na obrigatoriedade do currículo oficial. Quem sabe das dificuldades e grandezas que estão presente em nossas salas de aula são os educadores, pois são com eles que seus alunos dividem seus sonhos, dificuldades, anseios, alegrias e medos, mesmo que isso se de apenas pela percepção do professor.

O professor deve dar voz e corpo para seu aluno, e para isso deve buscar oferecer aquilo que tem de melhor, mesmo que no primeiro momento pareça difícil.

O professor deve buscar o melhor de seu aluno, valorizar o que o aluno tem para oferecer, e ter ciência que o trabalho pedagógico começa em seu interior, onde ele deve estar atento a mensagem que esta transmitindo a seu aluno, e saber se organizar mentalmente, para que seu aluno receba o que ele quer transmitir seja isso conteúdo, correção ou elogio da melhor forma possível.

Em muitos momentos nos deparamos com a identidade que este aluno apresenta, o que deve motivar o professor a trabalhar com seus alunos a origem desta identidade, que gera reflexões sociais, políticas, econômicas, entre outras.

Que seja natural falar e trabalhar nossa história, nossa cultura, nosso povo, pois a partir do reconhecimento e identificação se nasce o respeito.

O professor é responsável pelo ambiente de sua sala de aula, ele deve cuidar para oportunizar a manifestação dos melhores pensamentos e de sentimentos nobres, pois, assim a criança se sentirá atraída pelo estudo, porque se encontrará fortalecida. {...} é preciso tornar tudo estimulante, usar da correção individualmente e em forma de raciocínio. Há de despertar na criança o interesse pela própria vida, além de dar elementos para que ela construa o conceito de estudo. (Vieira 2006, pág 61).

2 - MATERIAIS DIDÁTICOS

2.1 - Caixa de palavras:

A caixa de palavras será um material didático para ser trabalhado com narrativas, histórias e vídeos.

Algumas narrativas que tivemos contato durante a especialização, que foram discutidas e trabalhadas, trazendo um conteúdo favorável para trabalhar a temática de identidade no ensino fundamental foram (ANEXO I):

- Histórias da Preta – Escrito por Heloisa Pires Lima.
- O coração do Baobá – Escrito por Heloisa Pires Lima
- Capulana – Escrito por Heloísa Pires, Mário Lemos, Vanina Starkoff
- A semente que veio da África: Heloisa pires Lima, George Gneka, e Mário Lemos.
- O coração sozinho (conto)
- O segredo da nossa casa
- Todos dependem da boca

Pode ser utilizado além de livros vídeos que trabalham com a identidade de forma reflexiva, como:

- Vista a minha pele;
- Cores e Botas;
- Filme: Kiriku e a Feiticeira.

A caixa de palavras é destinada a alunos do 4º ou 5º ano do ensino fundamental objetiva trabalhar a imaginação, a coerência e coesão, dos alunos, além de exercitar e contribuir o desenvolvimento do trabalho em grupo, assim como estimular o pensamento rápido e motivador de acordo com as palavras que forem retirando.

Na caixa de palavras estarão, palavras coerentes com a temática de identidade.

A importância deste material didático se dá principalmente na participação ativa do aluno em sala de aula, o que facilita para o professor perceber e observar as necessidades reais de seus alunos.

Este material didático não busca competitividade e nem correções diretas, mas sim conhecer os pontos de vista e organização de pensamentos de seus alunos o que contribuirá de forma descontraída para trazer assuntos e reflexões necessárias sobre a nossa identidade.

Para utilizar a caixa de palavras os alunos devem ser divididos em grupos com mais ou menos 4 a 5 alunos.

Dentro da caixa estarão às palavras, os alunos não poderão ver quais são as palavras que estão sendo retirada da caixa, a quantidade de palavras deve ser igual para cada grupo, após retirar as palavras, o professor convidará os alunos a elaborar uma história com as palavras que retiraram.

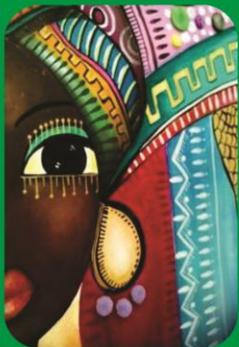
Palavras que podem ser utilizadas:

Africanos; Escravizados; Cultura; Identidade; Semelhanças; Liberdade; Herança; Línguas; Oralidade; Música; Culinária; Negro; Branco; Origem; Beleza; Preconceito; Luta; Conquistas; Família; África; Brasil; Capoeira; Sociedade; Relações; Diversidade; Conhecimento; Capoeira; Babá, Berimbau; Batuque; Ginga; Quitute; Samba; Vatapá; Povo; Tambor; Alegria;

As palavras são desconectadas, para que os alunos possam estabelecer uma relação entre elas.

A organização da contação de história por parte dos alunos se dará pelas fichas com nome de povos Africanos, os quais também será o nome de seu grupo.

Nomes dos Grupos: Malês; Fanti-ashantis; Bantos; Nagôs, Sudaneses.



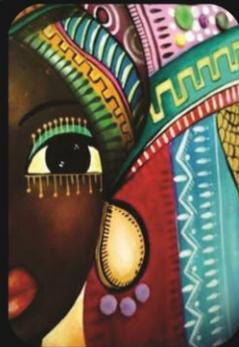
Caixa de palavras

Africanos



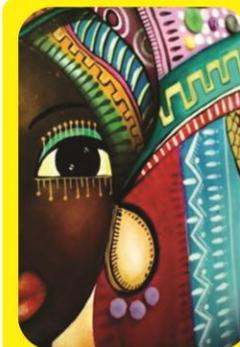
Caixa de palavras

Escravidados



Caixa de palavras

Cultura



Caixa de palavras

Identidade

Caixa de palavras

Semelhanças



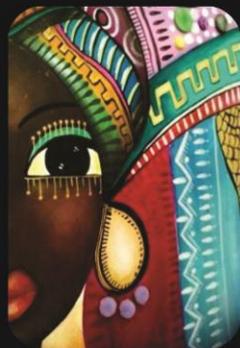
Caixa de palavras

Liberdade



Caixa de palavras

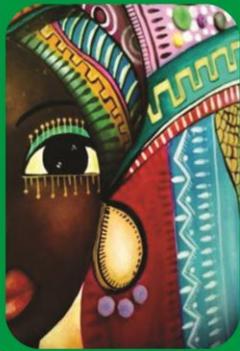
Linguas



Caixa de palavras

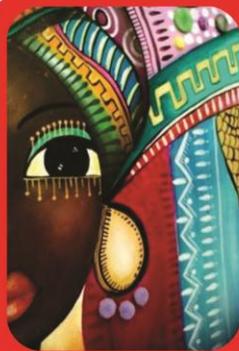
Herança





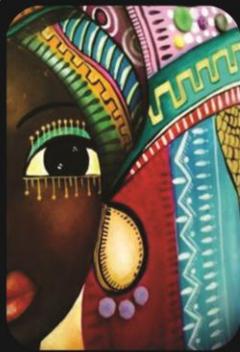
Caixa de palavras

Oralidade



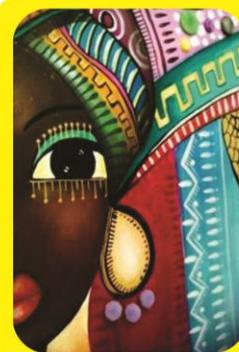
Caixa de palavras

Música



Caixa de palavras

Negro

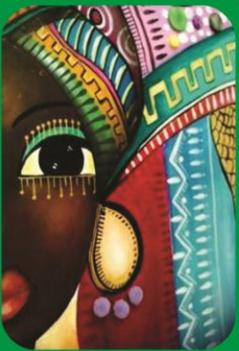


Caixa de palavras

Culinária

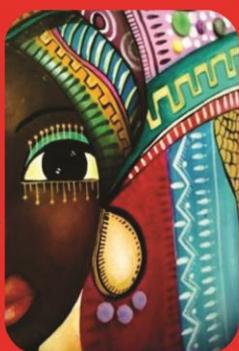
Caixa de palavras

Branco



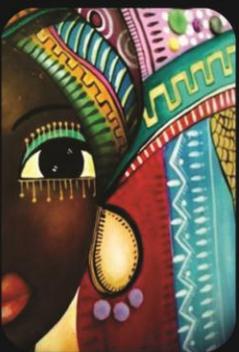
Caixa de palavras

Origem



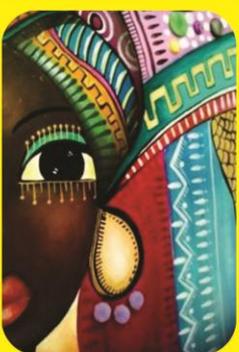
Caixa de palavras

Beleza



Caixa de palavras

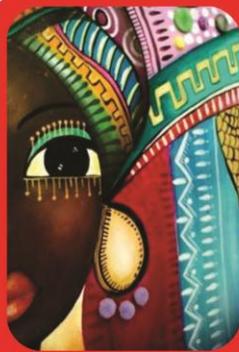
Preconceito





Caixa de palavras

Diversidade



Caixa de palavras

Conhecimento



Caixa de palavras

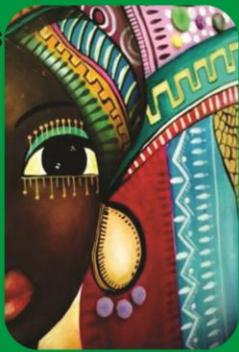
Capoeira



Caixa de palavras

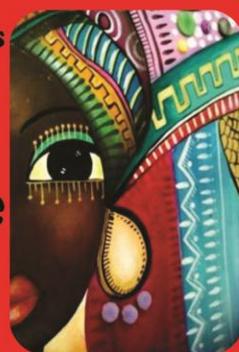
Babá

Caixa de palavras



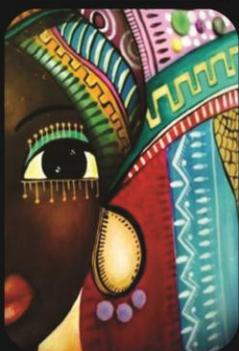
Berimbau

Caixa de palavras



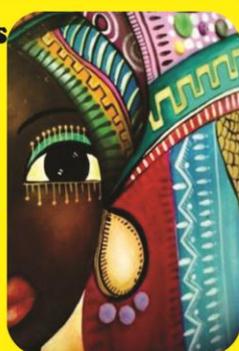
Batuque

Caixa de palavras



Ginga

Caixa de palavras



Quitute



Caixa de palavras

Luta



Caixa de palavras

Conquistas



Caixa de palavras

Família

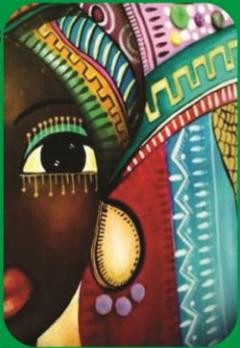


Caixa de palavras

Africa

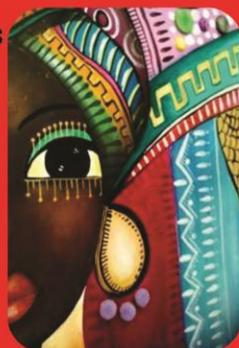
Caixa de palavras

Brasil



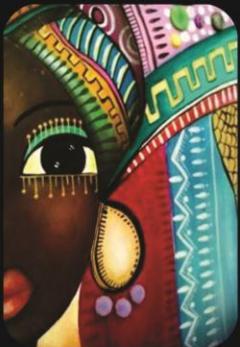
Caixa de palavras

Berimbau



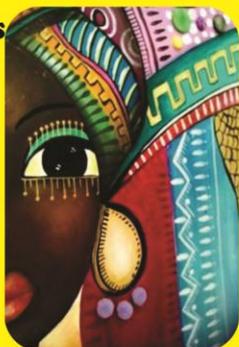
Caixa de palavras

Relações



Caixa de palavras

Sociedade





Caixa de palavras

Samba



Caixa de palavras

Vatapá



Caixa de palavras

Tambor

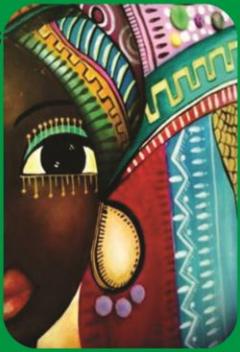


Caixa de palavras

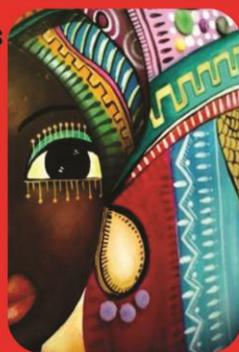
Povo

Caixa de palavras

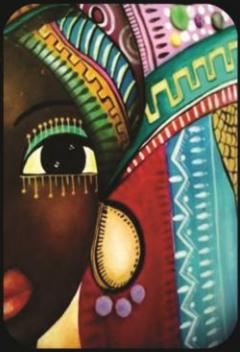
Alegria



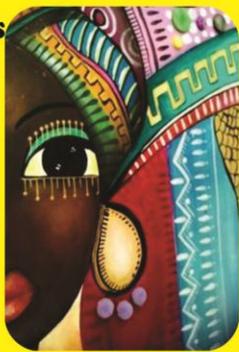
Caixa de palavras



Caixa de palavras



Caixa de palavras



Povos

Malês

Sudaneses

Fanti - ashantis

Bantos

Nagos

Sugestão para Caixa de palavras:



2.2 - Jogo de passa ou repassa:

O jogo de passa ou repassa consiste em um jogo de perguntas e respostas, o objetivo do jogo é aguçar o conhecimento dos alunos sobre determinado assunto, neste caso específico sobre a África.

Inicialmente a turma será dividida em dois grupos, e será organizada por um condutor, o qual explicará as regras do jogo e irá aplicá-lo, para a turma.

O jogo é composto por 21 perguntas objetivas e três perguntas livres, o grupo que tiver maior pontuação vencerá o jogo.

Regras do jogo:

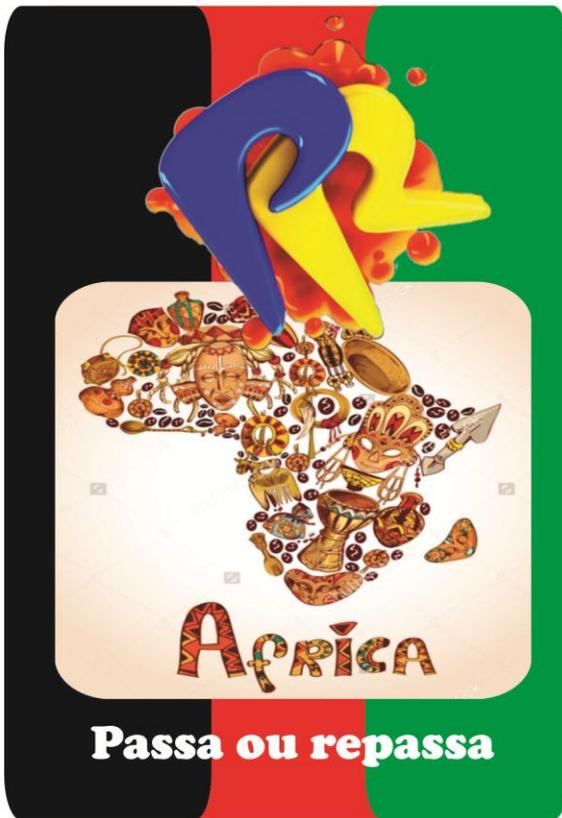
1) No início de cada pergunta os dois grupos irão manusear o dado, o grupo que tirar a maior numeração no dado, tem o direito de responder a pergunta, caso o participante não saiba ele pode escolher repassar para o grupo adversário.

2) Caso o grupo adversário também não saiba a resposta este poderá repassar a pergunta ao grupo inicial que neste momento deverá responder, não tendo a oportunidade de repassá-la novamente, mas o participante poderá ter a ajuda de outros membros do grupo, no entanto no caso de acerto o grupo recebe metade da pontuação.

3) A pontuação será calculada pelo número de mapas da África (anexo II), o qual será entregue ao participante que acertar a pergunta que lhe foi feita. O grupo que tiver maior pontuação vence o jogo.

- Pergunta objetiva (resposta sem repassar) - 2 pontos (Mapa da África maior)
- Pergunta objetiva (após repassar) - 1 ponto (Mapa da África pequeno)
- Pergunta Livre - 4 pontos (2 mapas maior da África)

4) O grupo que perder irá rodar uma roleta, onde sairá uma temática sobre a África que o mesmo deverá pesquisar para enriquecer, seu conhecimento.



Passa ou repassa

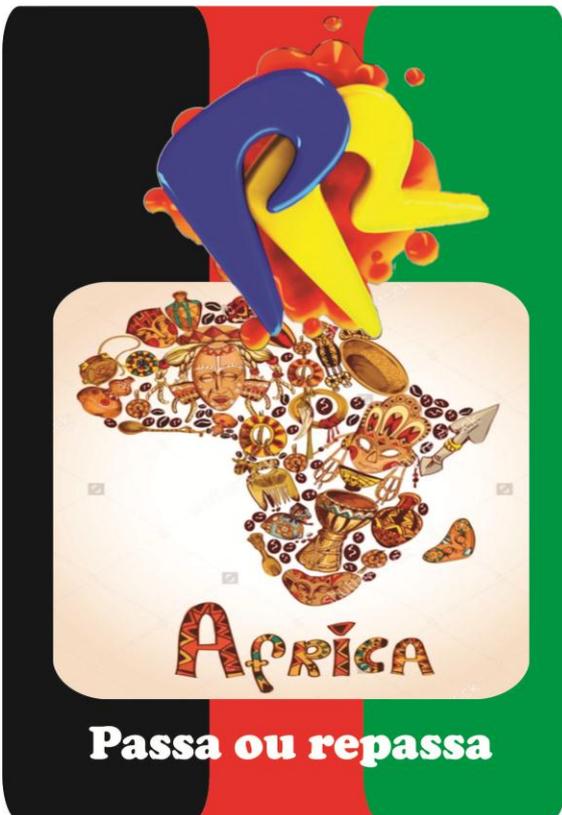


1- A arte africana é denominada ?

- a) Arte Naif (Arte ingênua).
- b) Arte cativa.
- c) Arte Nago.

R.: (A)

Passa ou repassa



Passa ou repassa



2- O continente africano é banhado pelo(s) oceano(s) ?

- a) Oceano Atlântico.
- b) Oceano Pacífico.
- c) Oceano Atlântico e Índico.

R.: (C)

Passa ou repassa



Passa ou repassa



3- Quais são os principais produtos comerciais do continente africano:

- a) Ouro e diamantes.
- b) Sal e cacau.
- c) Ouro e sal.

R.: (C)

Passa ou repassa



Passa ou repassa



4- Apesar da instabilidade do clima do continente africano, o mesmo é considerado:

- a) Subtropical.
- b) semi-árido.
- c) Tropical.

R.: (C)

Passa ou repassa



Passa ou repassa



5- Quais desertos são considerados os mais secos:

- a) Kalahari e Saara.
- b) Saara e Namib.
- c) Namib e Kalahari.

R.: (A)

Passa ou repassa



Passa ou repassa



6- Verdadeiro ou falso. O continente africano é o terceiro maior territorial e o segundo mais populoso em relação aos outros continentes do mundo:

R.: (V)

Passa ou repassa



Passa ou repassa



7- Por quantos países o continente africano é formado:

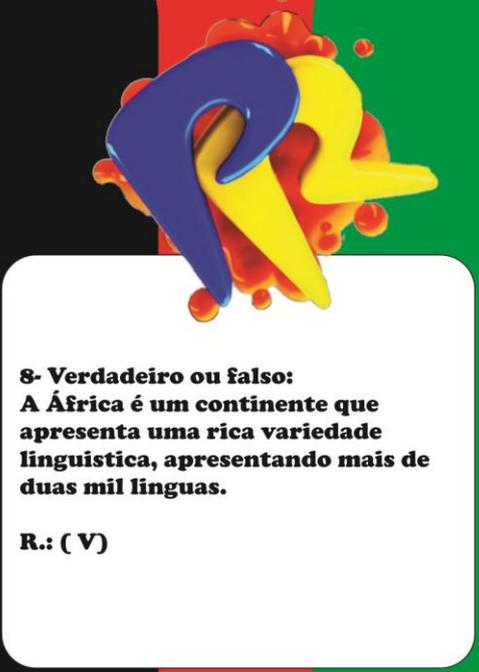
- a) 53 países.
- b) 45 países.
- c) 55 países.

R.: (C)

Passa ou repassa



Passa ou repassa



8- Verdadeiro ou falso:
A África é um continente que apresenta uma rica variedade linguística, apresentando mais de duas mil linguas.

R.: (V)

Passa ou repassa



Passa ou repassa



9- Com a chegada dos africanos no Brasil, nossa culinária sofreu grandes transformações, modificando temperos e acrescentando ingredientes. Qual produto trazido pelos africanos marca a culinária brasileira.

a) O açúcar.
b) O azeite de dendê.
c) O sal.

R.: (B)

Passa ou repassa



Passa ou repassa



10- O que o termo “afro-brasileiro” significa:

a) Africanos que vivem no Brasil.
b) Brasileiros que descendem de africanos.
c) Brasileiros que vivem na África.

R.: (B)

Passa ou repassa



Passa ou repassa



11- Qual estado brasileiro tem a maior concentração de afro-brasileiros:

- a) Minas Gerais.
- b) Rio de Janeiro.
- c) Bahia.

R.: (C)

Passa ou repassa



Passa ou repassa



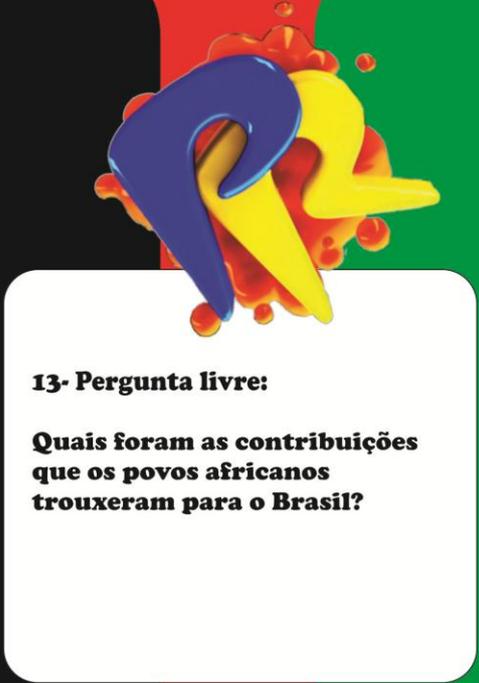
12- Verdadeiro ou falso:
A tradição oral é muito importante para os africanos, pois é uma forma de inserir no mundo.

R.: (V)

Passa ou repassa



Passa ou repassa



13- Pergunta livre:
Quais foram as contribuições que os povos africanos trouxeram para o Brasil?

Passa ou repassa



Passa ou repassa



14- Pergunta livre:
O continente africano apresenta uma rica variedade religiosa. Diga três religiões africanas.

Passa ou repassa



Passa ou repassa

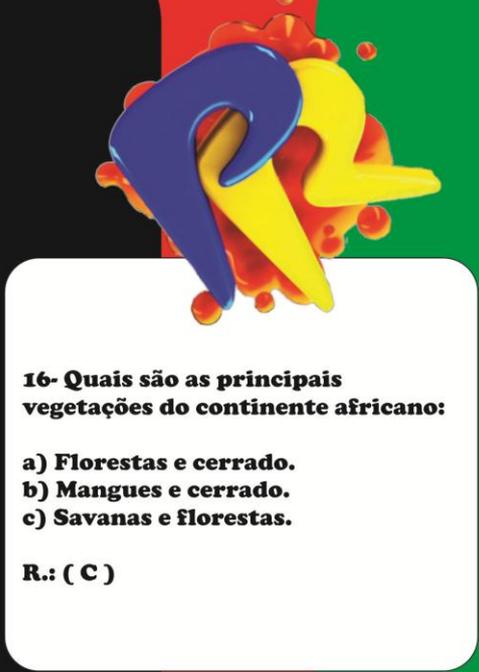


15- Pergunta livre:
Explique como os africanos chegaram em terras brasileiras.

Passa ou repassa



Passa ou repassa



16- Quais são as principais vegetações do continente africano:

- a) Florestas e cerrado.**
- b) Mangues e cerrado.**
- c) Savanas e florestas.**

R.: (C)

Passa ou repassa



Passa ou repassa



17- A África é regionalizada geograficamente em quantos grupos:

- a) 5 grupos.
- b) 2 grupos.
- c) 6 grupos.

R.: (A) 5 grupos - Setentrional, Ocidental, Central, Oriental e Meridional

Passa ou repassa



Passa ou repassa



18- A maior parte da população africana é formada:

- a) Por adultos.
- b) Por jovens.
- c) Por idosos.

R.: (B)

Passa ou repassa



Passa ou repassa



19- Qual é a cidade mais populosa da África:

- a) Lagos na Nigéria.
- b) Cairo no Egito.
- c) Ibadan na Nigéria.

R.: (A)

Passa ou repassa



Passa ou repassa



20- Verdadeiro ou falso: A arte não tem nenhuma importância para os africanos, por isso os mesmos expressam sua cultura e sentimento corporalmente.

R.: (F)

Passa ou repassa



Passa ou repassa



21- Quais foram os principais povos africanos que foram trazidos para o Brasil:

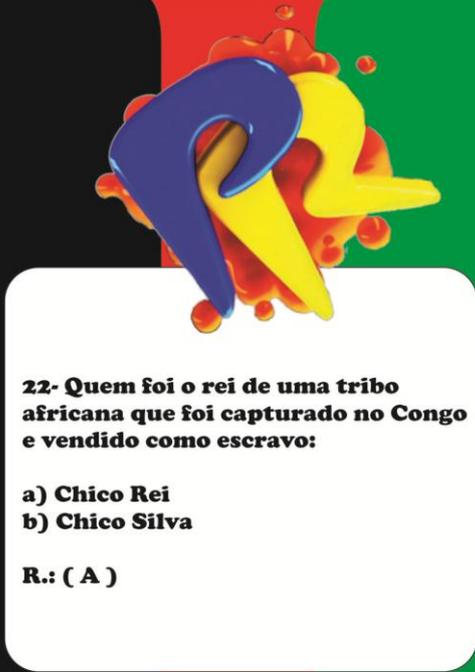
- a) Apenas os Sudanese.
- b) Apenas os Bantos.
- c) Sudanese, Sudanese Islamizados e Bantos.

R.: (C)

Passa ou repassa



Passa ou repassa



22- Quem foi o rei de uma tribo africana que foi capturado no Congo e vendido como escravo:

- a) Chico Rei
- b) Chico Silva

R.: (A)

Passa ou repassa



Passa ou repassa

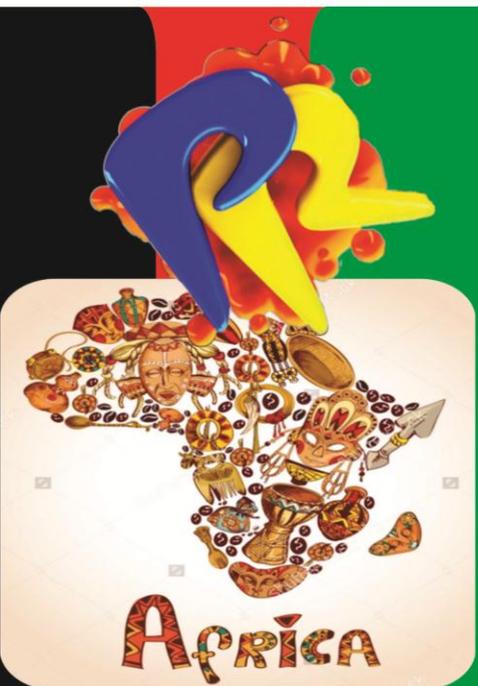


23- Qual o instrumento abaixo não foi “trazido” para o Brasil pelos africanos:

- a) Berimbau.
- b) Atabaque.
- c) Pandeiro.

R.: (C)

Passa ou repassa



Passa ou repassa



24- Verdadeiro ou falso:

O Lundu é considerado o primeiro gênero Afro-brasileiro da canção popular

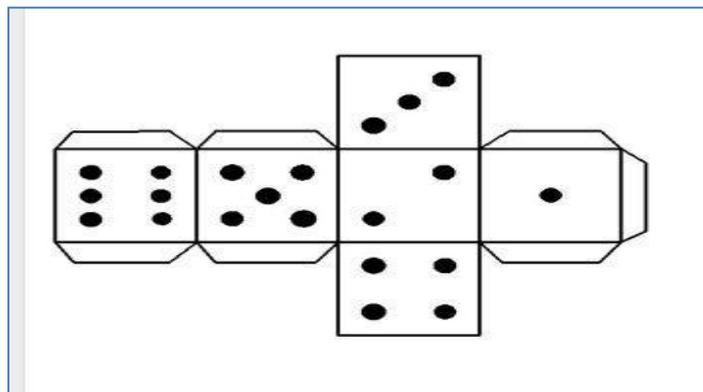
R.: (V)

Passa ou repassa

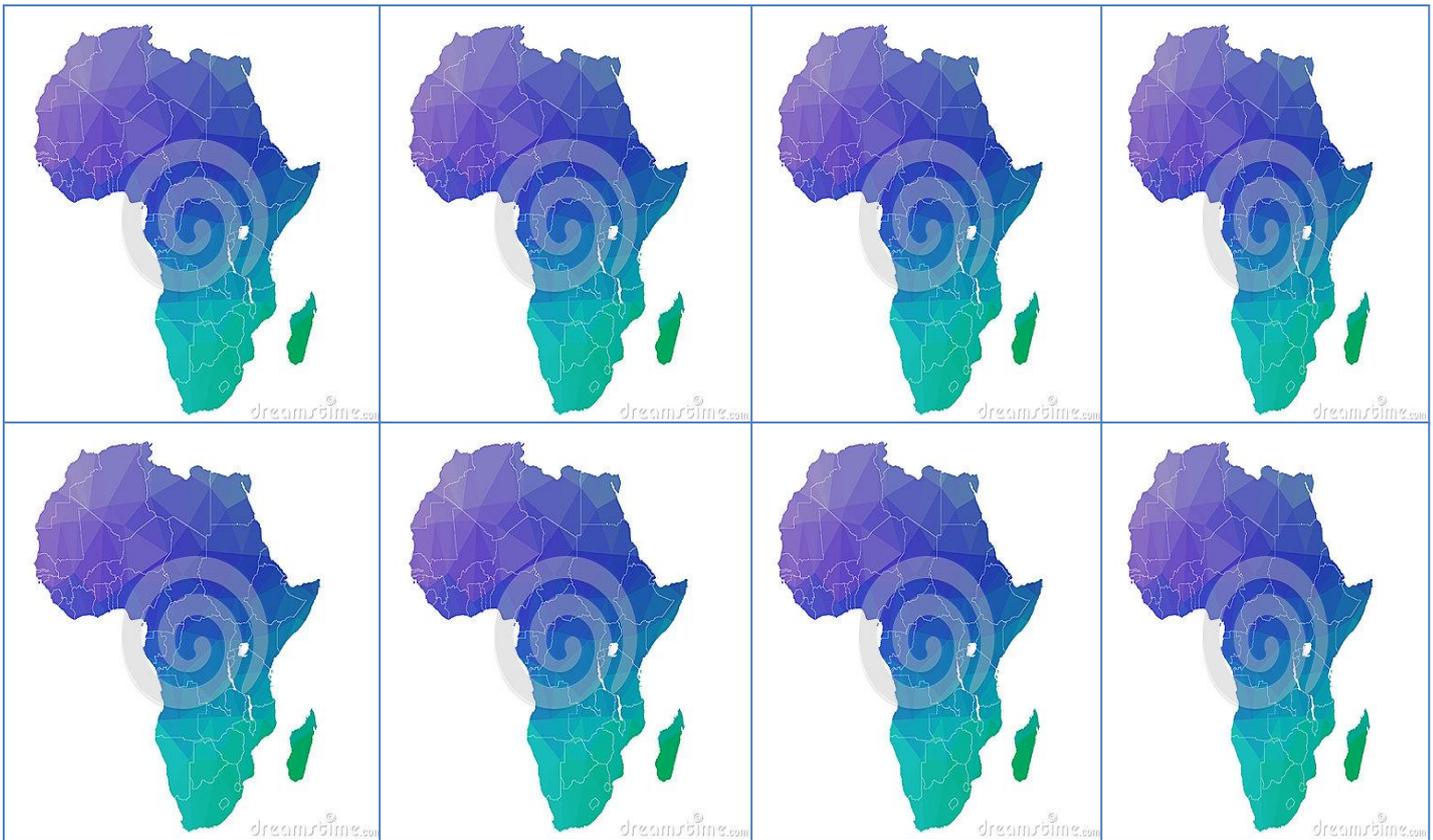
Roleta



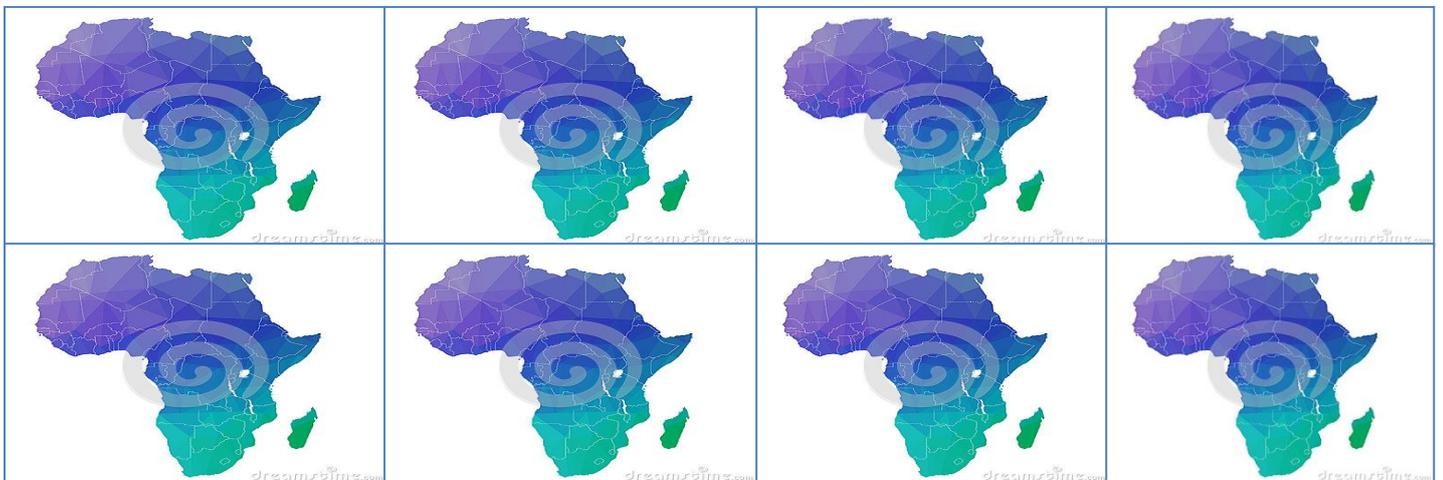
Molde do dado para ser utilizado durante o jogo:



Carta com o valor de 2 pontos - Mapa da África grande



Carta com o valor de 1 ponto - Mapa da África pequeno



3-PORTIFOLIO

3.1 -Histórias de vida e memória

Sou Cristiane Francisquini Mendes Loures, tenho 28 anos, sou graduada em pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora e pós graduada em psicopedagogia. Após minha graduação trabalhei por cinco anos como Conselheira Tutelar, objetivando garantir os direitos de crianças e adolescentes do município de Juiz de Fora. No entanto, há aproximadamente dois anos solicitei exoneração do cargo e escolhi vivenciar o magistério uma vez que acredito que a educação transforma e reconstrói.

Ao ter ciência, de que seria realizada uma pós - graduação com a temática em “História da África” interessei em cursá-la devido à legislação existente. Também almejava buscar conhecimentos que me possibilitasse reconstruir alguns pensamentos e ter acesso a novas informações.

Ao iniciar a pós confesso que no primeiro momento me “choquei” com um toque de realidade e como o conhecimento é uma grande arma que deve ser muito bem ministrada e utilizada por aqueles que acreditam possuí-la. Em muitos momentos durante as aulas, tinha vontade que a segunda-feira chegasse logo, para que pudesse compartilhar com os meus alunos uma nova visão, uma nova forma de construir conhecimentos e de ver o mundo.

Mas antes de destacar as mudanças na minha visão como professora, as aulas me fizeram refletir e buscar um passado que necessita ser repensado.

Grande parte de minha vida escolar foi em escola pública e vivenciei muitos momentos em minha vida que eram situações preconceituosas, mas que tratava com normalidade sem dar muita importância para que aquilo não se tornasse uma constante. Buscava ser uma aluna dedicada, pois meus pais me garantiam o melhor que podiam. Recordo-me de uma vez que fui escolhida para representar a escola em viagens pelo país, e as meninas do colégio se revoltaram “pois eu era do morro”, e ninguém viu minha dedicação e sim a imagem que trazia comigo, mas apesar de muitas coisas tinha

professores, além dos meus pais, que faziam tudo valer a pena. O que fazia com que eu tivesse vontade, a cada dia, de vencer, e foi nessas vivências que escolhi a minha profissão, pois o pouco que tenho, veio do melhor dos meus pais e de alguns professores que passaram pela minha vida. E oferecer ao outro aquilo que você recebeu é uma missão.

Nossas aulas na pós-graduação trouxeram reflexões abrangentes, que em determinados momentos é desesperador e vai além de situações que envolvem racismo e preconceito. Fizemos com que eu percebesse que os conteúdos são transmitidos de acordo com o interesse de uma nação, que na verdade estamos custando a sair do cabresto, que todo o ensino que vivenciei por anos “escondia” a outra face. Talvez por falta de conhecimento daqueles que transmitiram, ou por não julgarem aquele conteúdo importante.

Traz em certos momentos um desconforto porque se o que sei hoje já tivesse chegado antes em nossas salas de aula talvez grande parte dos meus colegas teriam visto a vida deles de uma outra maneira. O conhecimento sobre a verdadeira história do povo que nos identifica, poderia ter aberto novas oportunidades para meus colegas, uma vez que muitos de nós precisamos de uma inspiração para ir além. A autoestima, o reconhecimento da história de nossos antepassados e das contribuições dos mesmos para a formação da nossa cultura poderia ter ajudado meus colegas a reconhecerem sua identidade.

Ao trabalhar no Conselho Tutelar, percebi o quanto o reconhecimento de uma identidade em relação à comunidade e aos membros desta é importante para as novas gerações. Geralmente, nos inspiramos nas pessoas e nas ideias que nos cerca. Infelizmente, várias vezes conheci crianças de 7 e 8 anos, que queriam ser traficantes, pois eles reconheciam nestas pessoas sujeitos fortes e respeitados. Essa é a realidade que circunda estas crianças.

Hoje percebo o quanto o poder está relacionado com a dor porque para muitos “o poderoso” é quem faz sofrer é aquele que toma posse de algo. Visão que não vem de agora, vem da nossa formação histórico-social e cultural. Nossa história aprendida nas escolas nos passa essa visão. Em poucos momentos aprendemos que existem diversos tipos de força, e que o povo “escravizado” tinha seu poder.

Desta forma ao iniciar a pós, iniciei também um processo de construção e de desconstrução do meu imaginário, das lembranças que tinha da história que aprendi. O que esta sendo importante não apenas para minha vida profissional e social, mas também para minha vida pessoal. Deveria ter escrito em minha carta de intenção, antes de entrar no curso, que um dos motivos que me movem em busca do conhecimento sobre africanidades, de modo geral, é a família que construí. Tenho uma filha de três anos que em determinados momentos, apesar de tão pequena, me faz questionamentos onde percebo que ela se incomoda por não se enxergar nos padrões de beleza que são impostos pela sociedade. Isso me preocupa e hoje tenho um dialogo muito mais claro com ela, sem rodízios e de acordo com sua idade. Vejo que preciso fortalecer sua identidade, ou melhor, nossa identidade, e fazer com que ela consiga enxergar sua beleza.

3.2 - Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis

Como mencionado no memorial o curso despertou em mim novas formas de pensar, a partir dos novos conhecimentos que estou adquirindo, o que vem me ajudando significativamente na minha prática pedagógica, pois a partir de novos olhares as possibilidades de aprendizagem se multiplicam. Em cada aula os professores que as ministram tem a sabedoria de nos fazer movimentar, de trabalhar o nosso imaginário e nos fazer repensar nossa prática.

A dinamização do curso e suas disciplinas foram muito bem organizadas. Trazendo nas primeiras aulas o que de certa forma é o mais revoltante, onde trabalhou temáticas que demonstravam a visão que a sociedade tem do povo “escravizado” e como esta visão foi construída pela história. O que ocorreu a partir de uma desconstrução, que me levou a refletir que devemos ter cuidado ao ensinar qualquer assunto, mas em especial à história que envolve tantos fatores (político, econômico, social, humano, etc.), pois dependendo de como ela é ensinada corre-se o risco de trabalhar apenas um ponto de vista e não a história, pois em muitos momentos ela foi escrita e levada para sala de aula ainda como parte de um processo de colonização.

“As disponibilidades, os impulsos e talentos que o mercado pode aproveitar são pressionados na direção do desenvolvimento e sugados até a exaustão.” (BERMAM, 1982).

Confesso que já modifiquei muitas coisas em minhas aulas, no entanto é necessário que mais pessoas tomem consciência da necessidade de discutir certos assuntos e/ou temáticas na escola. Muitos gestores não percebem a importância de se ensinar as diversas faces de uma história.

Atualmente trabalho com turmas de 4º e 5º ano do ensino fundamental em uma escola da rede particular, uma faixa etária gostosa de trabalhar e bem questionadora o que facilita repensar constantemente sobre vários assuntos relacionados à minha prática.

No primeiro dia de aula de história levei os meus alunos do 5º ano, para o parque e posicionei cada um em um lugar diferente, pedi que descrevessem o que estavam vendo. Como esperado cada um tinha uma visão e todos tinham detalhes mais aparentes de acordo com o lugar que estavam. Após a descrição fomos para a sala e percebi um ar de silêncio do tipo não entendi nada.

Pedi que abrissem o livro didático, que olhassem as figuras e assuntos que iríamos trabalhar durante o ano, até que um aluno me perguntou “por que fizemos aquilo no parque?”, tentei ser breve e disse a eles que grande parte da história que vamos estudar foi escrita a partir de um ponto de vista do fato que estamos estudando e precisamos ter um interesse em descobrir todos os outros pontos de vista e fatos que não foram contados ali, assim como tiveram o interesse em escutar a descrição do que cada colega conseguia enxergar no parque.

No dia todos me olharam e silenciaram, e não consegui compreender se tinham entendido a mensagem que gostaria de passar, mas ao decorrer das aulas observei que muitos tinham entendido, pois estão buscando informações além das trabalhadas em sala de aula e assumindo uma postura crítica sobre aquilo que está sendo ensinado.

Um dos primeiro módulos que foi estudado na pós-graduação trouxe assuntos que me tiraram da minha zona de conforto, ao ponto de achar que tudo o que aprendi não é bem assim, e os preconceitos e tantas realidades tristes que presenciamos foi construída e ensinada. Nas aulas que tivemos de raça, racismo e racionalismo, é visível

as divisões e conceitos que cada um carrega de acordo com a imagem que apresenta e ao estudar os conceitos você percebe que a “raça” é um instrumento de opressão e poucos querem saber de seus valores culturais e sociais, ou seja de fato quem você é.

A partir destas reflexões sobre raça, resolvi fazer uma atividade com a minha turma de quarto ano. Estávamos estudando um livro de autobiografia nas aulas de português em um momento pedi aos alunos, após o trabalho com livro, que se desenhasse em seu caderno. Tenho nesta turma uma grande diversidade de cores e belezas, esperei ver em cada desenho este autor retrato.

Mas no momento da apresentação de cada auto retrato, tiveram desenhos que não retravam as características de seu autor, os negros eram beges, os cabelos enrolados eram lisos, entre outros detalhes, e fui questionando cada aluno sem muito intervir, deixando que ele pensasse e para minha surpresa no outro dia tinha desenhos refeitos, ou seja, eles perceberam que não estavam se olhando, ou se aceitando.

Esses detalhes me fizeram perceber que toda a teoria estudada naquelas aulas se reflete em cada um de nós de forma singular, que a consequência do imperialismo e de uma educação focada em uma visão européia não nos auxilia enquanto povo no processo de identificação, e a partir de um trabalho diário é necessário romper e tentar extinguir esta apropriação mental que muitos exercitaram em nós.

Um dos módulos que mais gostei, e traz reflexões atuais e de grande valia na minha prática foi o modulo que trabalhou “memória, identidade e cultura escolar”. A memória foi trabalhada em suas diversas facetas entre eles o silêncio e a necessidade que você cria do esquecimento, onde ressaltou a importância da história pessoal e de conhecer a história da comunidade e de tudo que te cerca.

Fomos ao museu da Maré, uma experiência que demonstrou que para se resguardar uma memória é necessário mais interesse do que instrumentos.

Influenciada pela temática trabalhada na pós, trabalhei a memória em sala de aula a partir de como o aluno se percebe diante de sua história, o objetivo foi à construção de um memorial que deveria ser desenvolvido em família, o resultado foi surpreendente e escutar e perceber a emoção dos meus alunos ao falar de si, me emocionou na certeza de que o sujeito mais importante de sua história é você mesmo.

Ao iniciar os módulos que trabalham o continente África, sua diversidade e grandeza que são tão desconhecidos devido aos discursos que ouvimos da “incapacidade” deste continente, que por muitos é reduzido a um país.

Em algumas aulas de geografia, trabalhei a diversidade do continente a partir de fotografias, os alunos foram convidados a trazer imagens da África, na maioria eles apresentaram as mazelas existentes naquele continente, apenas três alunas trouxeram imagens de cidades lindas, iluminadas o povo alegre, paisagens maravilhosas.

Diante daquelas imagens os alunos foram apresentando o que cada um conhecia sobre o continente, e por fim eu reuni imagens de alguns países e povos africanos e levei para realizarmos juntos, a desconstrução de conceitos manipulados pela mídia onde a África é visto como um lugar da tristeza e de pobreza e nada mais podem esperar deste continente.

Esta atividade foi muito importante, pois em imagens, as informações são passadas de um modo marcante que ao ser falado você busca uma referência em sua memória.

Muitas aulas que vivenciei e estou vivenciando na pós, trazem a necessidade de repensar não só a prática, mas o processo individual de aprendizagem daqueles que ali estão, tem muitos assuntos que ainda vou trabalhar com meus alunos que necessita de uma atenção peculiar, entre eles a escravidão, pois ao estudar na pós esta vivência, você percebe que “a escravidão é a ausência de humanidade”. E trabalhar tudo o que é relacionado merece atenção.

Pois estamos falando do povo que nos representa, mas muitos que estão diante de nós não se reconhecem como parte desta identidade, parte deste povo que até sentimentos e pensamento lhe foram negados.

Hoje nos deparamos com uma modernidade que é marcada pelo esquecimento, principalmente político e social, o que traz a necessidade de buscar contextualizações, para que percebam que tudo que foi conquistado foi a partir de lutas e não de benefícios.

No início de nossa história não houve somente apropriação de corpos, mais de mente, nos trataram como inferiores, nos negaram direitos, nos negaram a existência.

Por isso, busco cada vez mais em minhas aulas movimentar o imaginário de cada aluno, criando momentos para que as crianças saiam das carteiras e se coloquem no chão, abordar temas que antes eram esquecidos, permitindo quem eu aluno construa sua identidade e se reconheça em seu processo de ensino.

Acredito que a pós- graduação que estou realizando esta sendo fundamental na minha formação pessoal, familiar e profissional e tenho certeza de que muitos pensamentos e conhecimentos serão reconstruídos.

3.3 - Intervenção pedagógica

Ao pensar em intervenção pedagógica, sempre me preocupo com os anseios que meus alunos apresentam em relação ao conteúdo que esta sendo lhe "transmitido", no entanto as vezes é necessário estimulá-los para que este interesse possa refletir em seu processo de ensino e fazer com que as aulas se tornem prazerosas.

Pensar na intervenção é pensar na ação, e quais são os resultados que objetivo com as aulas e os projetos que pretendo formular e realizar com os meus alunos.

A pós- graduação te possibilita repensar sua prática constantemente o que consequentemente favorece um pensamento critico, diante daquilo que venho realizando em sala de aula.

Sendo assim, tento realizar aulas independente do que estou trabalhando, que tenham como objetivo ouvir o aluno e favorecer seus pensamentos e suas atitudes de forma positiva e critica.

As aulas e planejamentos de intervenção sofrem variações de acordo com a idade e serie trabalhada, atualmente minha visão de intervenção é voltada para 4º e 5º ano do ensino fundamental.

Ao se tratar de África e de todos os temas e realidades que corresponde a este assunto, acredito que temos que trabalhar-lo em nossas aulas no nosso cotidiano, de forma que os resultados e praticas possam ser aplicados e percebidos naturalmente.

Inicialmente enquanto processo de intervenção pensei em algumas aulas:

Geografia e História

Tema: Estudando os continentes;

- Duração: 4 ou 5 aulas
- Material: Um mapa dos continentes (separado como quebra-cabeça), confeccionado em eva.
- Metodologia: Os alunos serão divididos em grupos, onde cada grupo pesquisará sobre o continente que ficar responsável.

Os temas a serem pesquisados, os países pertencentes a cada continente, as características populacionais, as características do meio ambiente, os pontos positivos e negativos que se destacam em cada continente.

Cada grupo apresentara o seu continente, e em cada apresentação o mapa será montado.

- Objetivo das aulas: Que os alunos possam perceber a grandeza e a diversidade de um continente para o outro, assim como as diferenças existentes dentro de um continente.
- Igualar os continentes sem reduzi-los a um país, e estudar o processo histórico de alguns países que fazem parte destes continentes.

Aula Multidisciplinares

- Tema: As diversidades e pluralidade na África
- Duração: 3 ou 4 aulas
- Material: Caixa Surpresa, Vídeo, e cartolina.

Aula 2:

Após as aulas onde eles foram convidados a montar um quebra-cabeça, acredito que podemos começar a refletir o continente “África”, a partir da construção que os alunos trouxeram, da história que cada um tem traçado em seu imaginário.

Como recurso didático, pensei levar uma caixa surpresa, como palavras chaves, como:

Povo; Etnia; Condição social; Vegetação; Relevo; Curiosidades, Danças, Religião, Línguas e etc...

Cada aluno iria retirar sua palavra, comentar um pouco sobre ela, e ficar responsável por pesquisar e trazer para os colegas um pouco da África, a partir de sua pesquisa.

Aula 3:

Nesta aula, a partir das pesquisas realizadas pelos mesmos, pretendo iniciar a aula com um vídeo, inicialmente pensei no documentário “África o berço da humanidade”.

A partir do vídeo iniciaremos uma roda de conversas, que será o momento dos alunos relatarem suas pesquisas, assim como suas reais impressões diante da pesquisa.

Aula 4:

A partir da construção e desconstrução realizada a partir das pesquisas, pretendo trabalhar, diante de duas vertentes:

- A história do povo africano que foi escravizado: Escravidão, luta, desafios, diante da nossa história;
- A nossa identidade e memória, enquanto indivíduo e sociedade: Preconceitos, Auto – afirmação entre outros assuntos.

Pretendo inserir estas temáticas nas aulas do dia a dia, buscando a identificação destes alunos de forma gradual e natural, objetivando que perceba que nossa identidade pessoal e enquanto sociedade, esta entrelaçada aos povos que levantaram este país, em especial aqueles que foram retirados de sua comunidade e pertença sem serem questionados.

Temos muitos recursos que possibilitam este trabalho diário, acredito que ao trabalhar a identidade pessoal de cada aluno vou ter abertura para trabalhar diversas temáticas.

Nas aulas acima busco uma contextualização, mas o tema que objetivo ressaltar é Identidade, para abordar este tema com minha turma de 5º ano utilizei o vídeo "Vista minha pele", e começamos a discutir o preconceito e sua origem, onde cada aluno encenou uma forma de preconceito, dando liberdade ao corpo de ser visto.

Posterior a este momento fomos buscar a origem, que por muitos não era compreendida, iniciando as aulas relatadas acima.

Acredito que a intervenção é algo diário que modifica de acordo com a realidade a todo momento, o que venho relatando são algumas idéias, que tenho certeza que serão aprimoradas, a partir do momento que forem vividas.

A temática sobre identidade sempre me chamou muita atenção na pós-graduação, uma das aulas que realizei com minha turma de quinto ano, onde usei como recurso didático o vídeo " Vista a minha pele", e começamos a traçar olhares para a imagem que refletimos e que história cada um traz e como ela cresce a partir do momento que colocamos e apresentamos em sociedade, foi o que me motivou a trabalhar no trabalho de conclusão esta temática, trabalhando África como uma realidade comum a todos.

E como este continente e seu povo faz parte de nossa história.

3.4 – Considerações Finais

Ao me inscrever no curso História da África, não tinha dimensão da transformação pessoal e profissional que ocorreria, talvez por não ter ciência da diversidade e dimensão do curso.

Durante o curso repensei muitas vezes, como minha prática estava sendo aplicada e como à mesma foi reformulada durante este ano, algo que me chamou muita atenção neste curso é a abrangência que cada um tem como indivíduo, sendo assim pensei em proporcionar intervenções, a partir de uma escuta atenta e dinâmica aos meus alunos.

Trabalhar África é trabalhar nossa história como povo e como pessoa, é esta grandeza que pretendo abranger com meus alunos, na certeza da luta diária que temos de sermos ouvidos enquanto nação.

Assim como a mudança que merecemos esta em nossas mãos, a partir do real conhecimento de nossa história.

3.5 - Fotos dos memoriais confeccionados por alunos do 5º ano.



4 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ANTONIL M., André João. **Cultura e Opulência do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1982.

ANTUNES, Celso. **O jogo e a Educação: falar e dizer/olhar e ver/ escutar e ouvir**. 6º Ed. Petrópolis, RJ.Vozes 2008.

GÓES, Lucia Pimentel. **Introdução a literatura infantil e juvenil**. 2º Ed. São Paulo: Pioneira, 1991

GÓMEZ, A.I.P. **A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula**. In.SACRISTAN, J.G. PEREZ GOMES, A.I. Compreender e transformar o ensino.4º Ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MOORE, Carlos. **O racismo através da história**. Disponível em : WWW.abruc.org.br.

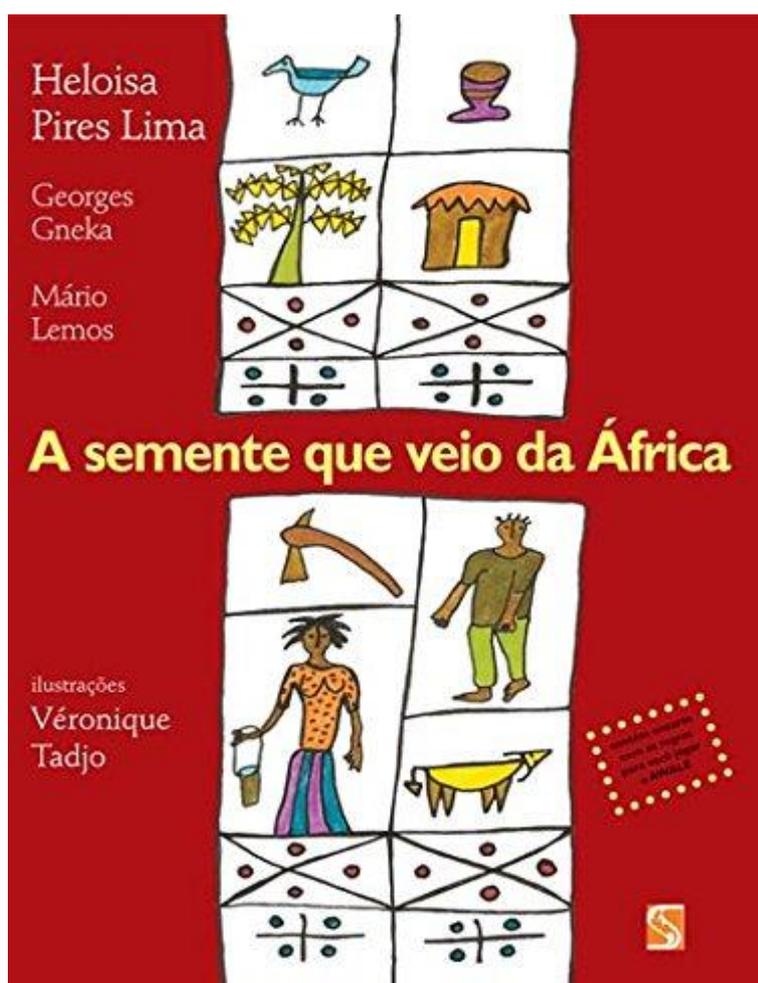
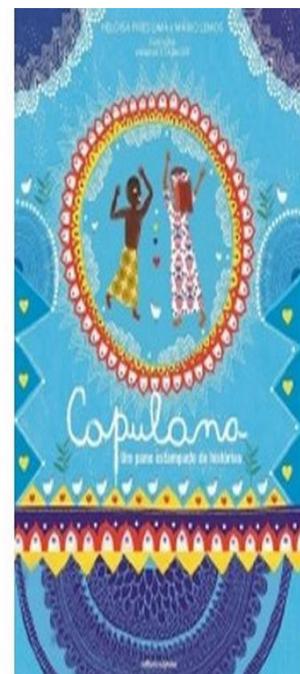
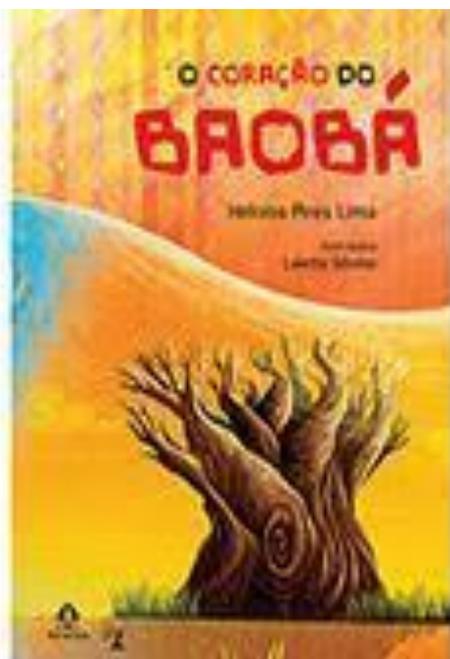
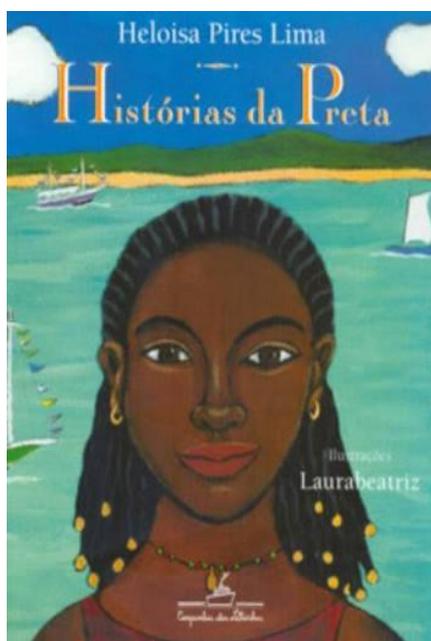
NEGRINI, Airtor. **A aprendizagem e desenvolvimento infantil, simbolismo e jogo**. Porto Alegre. Prodil. 1994.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Filosofia da Ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira**. Curitiba. Editora Gráfica Popular, 2007.

PAIVA, Eduardo França. **Escravidão e Universo Cultural na Colônia**. Minas Gerais. UFMG.2001

Anexo I: Indicação da literatura que pode ser trabalhado com os alunos.

Caixa de Palavras



CORAÇÃO-SOZINHO

O Leão e a Leoa tiveram três filhos; um deu a si próprio o nome de Coração-Sozinho, o outro escolheu o de Coração-com-a-Mãe e o terceiro o de Coração-com-o-Pai.

Coração-Sozinho encontrou um porco e apanhou-o, mas não havia quem o ajudasse porque o seu nome era Coração-Sozinho. Coração-com-a-Mãe encontrou um porco, apanhou-o e sua mãe veio logo para o ajudar a matar o animal. Comeram-no ambos. Coração-com-o-Pai apanhou também um porco. O pai veio logo para ajudá-lo. Mataram o porco e comeram-no os dois.

Coração-Sozinho encontrou outro porco, apanhou-o, mas não o conseguia matar. Ninguém foi em seu auxílio. Coração-Sozinho continuou nas suas caçadas, sem ajuda de ninguém. Começou a emagrecer, a emagrecer, até que um dia morreu.

Os outros continuaram cheios de saúde por não terem um coração sozinho.

OS SEGREDOS DA NOSSA CASA

Certo dia, uma mulher estava na cozinha e, ao atiçar a fogueira, deixou cair cinza em cima do seu cão.

O cão queixou-se:

— A senhora, por favor, não me queime!

Ela ficou muito espantada: um cão a falar! Até parecia mentira...

Assustada, resolveu bater-lhe com o pau com que mexia a comida. Mas o pau também falou:

— O cão não me fez mal. Não quero bater-lhe!

A senhora já não sabia o que fazer e resolveu contar às vizinhas, o que se tinha passado com o cão e o pau.

Mas, quando ia sair de casa a porta, com um ar zangado, avisou-a:

— Não saias daqui e pensa no que aconteceu. Os segredos da nossa casa não devem ser espalhados pelos vizinhos.

A senhora percebeu o conselho da porta. Pensou que tudo começara porque tratara mal o seu cão. Então, pediu-lhe desculpa e repartiu o almoço com ele.

- Fonte: "Eu conto, tu contas, ele conta... Estórias africanas", org. de Aldónio Gomes, 1999 <http://www.terravista.pt/Bilene/4619/Conto7.html>

TODOS DEPENDEM DA BOCA...

Certo dia, a boca, com ar vaidoso, perguntou:

— Embora o corpo seja um só, qual é o órgão mais importante?

Os olhos responderam:

— O órgão mais importante somos nós: observamos o que se passa e vemos as coisas.

— Somos nós, porque ouvimos — disseram os ouvidos.

— Estão enganados. Nós é que somos mais importantes porque agarramos as coisas, disseram as mãos.

Mas o coração também tomou a palavra:

— Então e eu? Eu é que sou importante: faço funcionar todo o corpo!

— E eu trago em mim os alimentos! — interveio a barriga.

— Olha! Importante é aguentar todo o corpo como nós, as pernas, fazemos.

Estavam nisto quando a mulher trouxe a massa, chamando-os para comer. Então os olhos viram a massa, o coração emocionou-se, a barriga esperou ficar farta, os ouvidos escutavam, as mãos podiam tirar bocados, as pernas andaram... mas a boca recusou comer. E continuou a recusar.

Por isso, todos os outros órgãos começaram a ficar sem forças...

Então a boca voltou a perguntar:

— Afinal qual é o órgão mais importante no corpo?

— És tu boca, responderam todos em coro. Tu és o nosso rei!

- FONTE: "Eu conto, tu contas, ele conta... Estórias africanas", org. de Aldónio Gomes, 1999.